

# Juliana de Norwich e Margery Kempe: a literatura de autoria feminina no medievo inglês

*Juliana of Norwich and Margery Kempe: female-authored literature in medieval English*

Fernanda Cardoso Nunes  

fernanda.cardoso@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAFIDAM

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar brevemente as obras *A Revelation of Love* (c. 1395), de autoria da mística inglesa Juliana de Norwich (c.1343 - c. 1416), em sua versão longa, e *The Book of Margery Kempe* (c. 1438), de Margery Kempe (1373 - c. 1438), observando o pioneirismo das duas autoras dentro do contexto literário medieval inglês. A análise se realizará com o aporte da crítica literária feminista. Utilizaremos como fundamentação teórica autores como Temple (2016), Watson e Jenkins (2006), Régnier-Bohler (1990), Fantuz (2019), Bynum (1982), Bale (2015), Troch (2013), Telles (2017) e Morrison (2002), entre outros. Através da nossa pesquisa, podemos considerar Juliana de Norwich e Margery Kempe transgressoras, ao romperem com papéis convencionados às mulheres de seu tempo. Seus escritos trazem o papel feminino numa nova perspectiva de protagonismo religioso, social e literário e destacamos o quanto esse processo de resgate e releitura de suas obras pode ser renovador para os estudos da literatura, da cultura e da história.

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura Inglesa Medieval. Juliana de Norwich. Margery Kempe.

## ABSTRACT

This article aims to briefly present and analyze the works *A Revelation of Love* (c. 1395) by the English mystic Julian of Norwich (c.1343 - c. 1416), in its long version, and *The Book of Margery Kempe* (c. 1438) by Margery Kempe (1373 - c. 1438), observing the pioneering spirit of the two authors within the English medieval literary context. The analysis will be carried out with the contribution of feminist literary criticism. We will use as theoretical approach authors such as Temple (2016), Watson and Jenkins (2006), Régnier-Bohler (1990), Fantuz (2019), Bynum (1982), Bale (2015), Troch (2013), Telles (2017) and Morrison (2002), among others. Through our research, we may consider Julian of Norwich and Margery Kempe as transgressive women, as they broke with roles conventional to women of their time. Her writings bring the female role into a new perspective of religious, social and literary protagonism and we highlight how this process of rescuing and re-reading her works can be renewing for the studies of literature, culture and history.

## KEYWORDS

Medieval English Literature. Julian of Norwich. Margery Kempe.

Submetido em:  
03/10/2023

Aprovado em:  
11/09/2023

Publicado em:  
08/12/2023

## Introdução

A obra da mística Juliana de Norwich constitui o mais antigo texto conhecido de autoria feminina em língua inglesa. Nascida possivelmente na cidade de Norwich, Inglaterra, em aproximadamente 1343 ou 1342, e falecida provavelmente em 1416, a anacoreta relata que teve suas experiências místicas quando jovem. Segundo Alexander, Juliana de Norwich é a “[...] mais refinada escritora espiritual inglesa antes de George Herbert, e a primeira grande escritora da prosa inglesa”<sup>1</sup> (2007, p. 48). Seu estilo demonstra uma autora que devotava grande importância e cuidado em relação ao escrito que produzia.

Pouco se sabe sobre sua vida. Escrevendo em inglês médio (*Middle English*) e não em latim, a língua oficial dos escritos católicos do século XIV, Juliana de Norwich, em seu texto *A Revelation of Love* (também conhecido por *Shewings* ou *Vision*, em sua versão inicial ou curta), de aproximadamente 1395, apresenta as visões que teve da divindade durante a recuperação de uma séria doença que a teria deixado entre a vida e a morte por “três dias e três noites”.

Ao lado de Christina de Markyate e Margery Kempe, Juliana de Norwich forma a tríade de místicas medievais inglesas. Lembrando que a *English Mystical Tradition*<sup>2</sup> (*Tradição Mística Inglesa*) ainda seria composta pelos místicos: Richard Rolle (1290/1300-c. 1349), o autor de *A Nuvem do Não-saber* (*The Cloud of Unknowing*) e Walter Hilton (1340-1396).

Liam Peter Temple (2016) discute a inclusão de Juliana e Margery nesse grupo; prefere colocá-las numa tradição continental mais ampla de experiência mística feminina, visto que ambas

[...] mostram-se profundamente influenciadas pelas tradições bem estabelecidas de piedade afetiva feminizada, como forma de se mostrar, em primeiro lugar, esgotadas e, em segundo lugar, que a ‘utilidade’ dos ‘místicos ingleses’ como rótulo e conceito foi esgotado e, em segundo lugar, que essas duas mulheres podem ser vistas como parte de uma tradição transnacional de piedade feminizada<sup>3</sup> (2016, p. 142).

Para o estudioso, a obra das místicas inglesas estaria mais próxima de suas companheiras continentais, como Marguerite Porète, Marie de Oignies, Elizabeth da Hungria, Hildegarda de Bingen, Brígida da Suécia, Angela de Foligno, Metchild de Hackeborn, Metchild de Magdeburg, entre outras, do que mesmo dos místicos ingleses supracitados. Foram influenciadas mais por tradições espirituais femininas contemplativas já existentes no restante da Europa. Isso nos remete à questão da genealogia de escritos medievais femininos já referida nessa pesquisa. Juliana de Norwich e Margery Kempe foram a “contraparte inglesa” do movimento de produção literária feminina de teor místico que floresceu no medievo europeu.

Embora se autodenominasse uma “simples criatura iletrada”, Juliana é hoje considerada

- 1 “[...] is the finest English spiritual writer before George Herbert, and the first great writer of English prose.”
- 2 De acordo com Liam Peter Temple (2016, p. 142), o conceito de “medieval English mystics” (“místicos ingleses medievais”) teve como seu principal defensor o monge beneditino inglês e professor de Cambridge, David Knowles. Em sua obra *English Mystical Tradition* (1964), Knowles enfatizou a “anglicidade” e o catolicismo dos místicos e que essas figuras do passado deviam ser consideradas à luz da fé que os fiéis ingleses partilhavam na atualidade.
- 3 “[...] are shown to have been deeply influenced by the well established traditions of feminized affective piety, as a way of showing, firstly, exhausted and, secondly, that the ‘usefulness’ of ‘English mystics’ as a label and concept has been exhausted and, secondly, that these two women can be seen as part of a transnational tradition of feminized piety.”

uma das maiores teólogas da Idade Média. Uma autora cujas visões se inserem, portanto, dentro de toda uma tradição de experiências visionárias por parte de mulheres entre os séculos XI e XV, bem como sua contemporânea, a já referida Margery Kempe: “Por muito tempo negligenciada fora de um pequeno círculo, Juliana vem sendo estudada com grande entusiasmo nos últimos cem anos tanto por leitores fora da academia, bem como por estudantes e eruditos”<sup>4</sup> (WATSON; JENKINS, 2006, p. ix). Tal fato pode ser claramente percebido nas várias traduções para o inglês contemporâneo desde o início do século XX, além de estudos acadêmicos, artigos e traduções para outras línguas, como o espanhol e, recentemente, para a língua portuguesa, em duas traduções surgidas no ano de 2018 pelas editoras Vozes e Paulus.

Se pensarmos em Juliana de Norwich, uma mulher talvez leiga, talvez religiosa<sup>5</sup>, escrevendo em vernáculo em um período de convulsões sociais, políticas e religiosas acerca de uma visão amorosa e feminina de Jesus Cristo, podemos encarar sua situação como, no mínimo, arriscada. Lembremos que são dessa época a heresia lolarda já mencionada e suas traduções completas da Bíblia para o inglês médio. Talvez daí o silêncio acerca da obra da anacoreta inglesa durante quase três séculos, visto que seu primeiro editor conhecido, o monge beneditino Serenus Cressy, editou uma cópia do texto em 1623, ou seja, mais de duzentos anos após sua morte.

A obra de Juliana de Norwich possui duas versões, popularmente chamadas de Texto Curto (*Short Text*), escrito logo após as visões, e o Texto Longo (*Long Text*), uma ampliação do primeiro, feita depois de muitos anos de reflexão sobre as revelações. Os manuscritos da obra conhecidos atualmente são o *Sloane Manuscript* (c. 1650), da British Library, e o *Paris Manuscript*, da Bibliothèque Nationale (c. 1500), ambos contendo a versão longa; um manuscrito contendo a versão curta, também da British Library (século XV); um do St. Joseph’s College (1650); o dos Westminster Archdiocesan Archives (séculos XV ou XVI); e a primeira versão impressa, o *Cressy Text*, de 1623, editado pelo já mencionado Serenus Cressy.

Juliana de Norwich apresenta, em sua obra, uma visão teológica bastante otimista, o que a diferenciou de outros religiosos medievais. Vivendo numa época de pestes (a Peste Negra devastou a Inglaterra várias vezes durante sua vida, sendo que Norwich perdeu um terço de sua população no primeiro surto), guerras (a Revolta dos Camponeses, o início da Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra), o Grande Cisma Católico, a heresia de John Wycliff, os lolardos, o enfraquecimento dos mosteiros ingleses, entre outras crises, surpreende-nos a sua visão de que “tudo ficaria bem” (“all shall be well”).

Outro tema recorrente em sua obra é a concepção de um Deus amoroso, compassivo e não um Deus cheio de ira e ódio para com seus filhos, pois, para ela, o pecado era algo visto como um passo para o aprendizado e para a fé. Uma concepção feminina de Deus, o que por si só já constituía uma transgressão dentro da tradição de representações da divindade nos textos literários medievais:

4 “Long neglected outside a small circle, Julian has been studied with increasing excitement over the last hundred years, and by readers outside the academy as least as much as by students and scholars.”

5 Há poucos dados biográficos sobre a vida de Juliana de Norwich. Estudiosos discutem se ela se entrou para a vida religiosa após ter as visões ou se já seria uma monja pertencente à Ordem beneditina da Carrow Abbey, que se localizava próxima a Norwich.

Eu entendo três maneiras de ver a maternidade em Deus. A primeira é a criação da nossa espécie humana. A segunda é a tomada de nossa espécie, e aí começa a maternidade da graça. A terceira é a maternidade na ação e assim, espalhando-se pela mesma graça, de comprimento e largura e de altura e de profundidade sem fim. E tudo é um só amor (NORWICH apud WATSON; JENKINS, 2006, p. 311)<sup>6</sup>.

Para as místicas medievais, o próprio silêncio muitas vezes é imposto e transgredido através da escrita de suas experiências. As palavras dessas mulheres, seus relatos pessoais de experiência com o divino rompem com esse silêncio e assombram os homens que a elas conferem o papel de fracas, ingênuas e suscetíveis às “investidas do demônio”. O contato com Deus irrompe de onde menos se espera. Como observa Régnier-Bohler, “[...] a palavra, contrariamente ao excesso narcísico da aparência, é tanto mais pernicioso, aos olhos dos homens, quando surge do silêncio, imprevisível” (1990, p. 521).

Mesmo em meio a um contexto de muito sofrimento, Juliana teve uma série de visões a partir do dia 8 de maio de 1373 e logo as transcreveu. Na ânsia de compreender o que acontecia e saber como comunicar todas aquelas revelações aos outros, foi-lhe permitido que vivesse como reclusa adotando a vida de anacoreta (*anchoress*), passando a viver numa cela anexa à pequena Igreja de Saint Julian of Le Mans<sup>7</sup> em Norwich, da qual ela adotou seu nome de religiosa, *Julian of Norwich* (Juliana de Norwich), ou simplesmente *Dame Julian*, como também ficou conhecida. Então, Julian ou Juliana não era o seu nome civil:

Antes de se tornar *anchoress* – ou “reclusa”, como se dizia no seu tempo -, talvez se chamasse Katherine. Alguns estudiosos consideram que teria pertencido a uma família muito abastada (os Erpingham ou os de Blickling) e que teria estudado. O que é certo é que, para se manter na vida solitária, deveria dispor de meios próprios, pelo menos enquanto não se tornou uma asceta procurada pelos seus conselhos espirituais, respeitada e reconhecida. Talvez tivesse feito estudos não formais, ao acaso, na comunidade das monjas beneditinas de Carrow, de que a Igreja de St. Julian dependia, em Conisford, Norwich, usando, para alimentar o seu espírito, os livros da biblioteca do mosteiro (FANTUZ, 2019, p. 11).

De acordo ainda com Fantuz, sabe-se que em 1135, o rei Stephen teria confiado a Igreja de St. Julian às monjas beneditinas da abadia de Carrow, situada no final da King Street, em Norwich. Mesmo com a escassez de informações sobre a vida de Juliana de Norwich, tais dados e hipóteses começam a nos trazer a possibilidade de que ela não era a “iletrada” que dizia ser em seu texto. Talvez tenha tido uma educação beneditina, o que justifica o reconhecido conhecimento teológico presente em sua obra, mesmo que não saibamos se ela foi monja beneditina ou não antes de receber as revelações.

Com relação a seu nome e seus possíveis laços familiares, Ralph Milton, em seu romance *Julian's Cell* (2012), no qual narra ficionalmente a vida de Juliana, a possível Katherine teria casado

6 Todas as traduções do texto em estudo de Juliana de Norwich são de minha autoria, a partir da edição de Nicholas Watson e Jacqueline Jenkins de 2006, *The Writings of Julian of Norwich: A vision showed to a devout women and A revelation love* (The Pennsylvania University Press): “I understode thre manner of beholdinges of motherhed of God. The furst is grounde of oure kinde making. The seconde is taking of oure kinde, and ther beginneth the motherhed of grace. The thurde is motherhed in werking, and therin is a forthspreding by the same grace, of length and brede, of high and of depnesse without ende. And alle is one love.”

7 De acordo com Giulliana Vittoria Fantuz (2019, p. 14), em nota, “O edifício sagrado, que remonta a 950 d.C., foi gravemente danificado, em 1942, por um bombardeamento, tendo-se chegado a pensar em arrasá-lo. Mas o reitor de então, padre Raybould, propôs o seu restauro para que se tornasse lugar de peregrinação e oração em memória da mística que lá tinha vivido.”

muito jovem e tido dois filhos. Teria perdido seu marido e filhos para a peste negra e, ficando sozinha, poderia ter se dedicado à contemplação, vindo a ter as dezesseis visões. Tudo isso são hipóteses, mas é interessante citarmos aqui e não fecharmos as interpretações. Como temos poucas fontes sobre a vida dela, apenas os manuscritos das versões curta e longa, a referência no livro de Margery Kempe e algumas menções em testamentos, ainda há um longo caminho a se percorrer para se construir a imagem de quem realmente foi Juliana, a mística de Norwich.

Se Juliana foi ou não Katherine, o fato é que em 1390, a anacoreta trouxe a público suas *Revelações*, texto que até hoje tem a capacidade de impressionar e falar aos leitores atuais. Podemos pensar na reação do público da poderosa cidade de Norwich, na região de Norfolk, que no final do século XIV era, depois de Londres, a maior cidade inglesa em termos de população total, poderio econômico e religioso:

A sua poderosa catedral, que tinha uma das mais bem fornecidas bibliotecas do reino, estava rodeada de vários mosteiros e não menos de cinquenta igrejas e eremitérios. Para embelezar esses edifícios, havia uma florescente produção de arte sacra. Frequentemente, chegavam aos conventos e mosteiros doutos estudiosos e pregadores de renome; este grande dinamismo de conhecimentos fez com que Norwich fosse conhecida como cidade onde conviviam, enriquecendo-se mutuamente, diversas formas de expressão artística e de vida religiosa (FANTUZ, 2019, p. 14).

Esse ambiente de grande efervescência cultural e religiosa certamente contribuiu para a formação de Juliana. Essa presença muito intensa da arte sacra deve ter impressionado a anacoreta e treinado seu olhar para a contemplação estética, visto que em seu texto as representações do corpo de Cristo, outro tema recorrente em sua narrativa, é bastante plástica e visual.

O corpo de Jesus na obra de Juliana de Norwich é apresentado de forma transgressora em relação a como ele é representado na obra de outras místicas contemporâneas suas. Uma das características que nos chama logo a atenção é a questão da maternidade de Jesus Cristo, como já mencionado. Cristo é representado como “oure Moder”, ou seja, “nossa Mãe”, que nos alimenta com o leite que jorra de seu peito (uma referência clara ao momento em que Cristo é crucificado e perfurado por um soldado romano e de cuja ferida jorra seu sangue), numa visão amorosa do sacrifício de Jesus por todos os seus companheiros cristãos:

Mas quando nossas falhas e nossa desgraça nos são apresentadas, ficamos tão assustados e tão envergonhados de nós mesmos que mal sabemos onde nos colocarmos. Por sua vez, nossa mãe amorosa não quer que fuçamos, pois nada poderia ser mais indesejável para ele. Ele quer que nos comportemos como uma criança, que quando está chateada ou assustada corre o mais rápido possível para sua mãe<sup>8</sup> (NORWICH apud WATSON; JENKINS, 2006, p. 317).

É interessante notarmos o uso do pronome “him” (“ele”) em vez de “her” (“ela”), como seria de esperar, por conta da concordância, visto que a autora se refere a Jesus como “mãe”, mas não altera o gênero da palavra no texto. Trata-se, claramente, de uma representação feminina, maternal e acolhedora de Cristo.

8 “But oftimes when oure falling and oure wretchedness is shewed us, we be so sore adred and so gretly ashamed of oureselfe that unnethis we we with wher that we may holde us. But then wille not oure curtesse moder that we flee away, for him were nothing lother, but he will than that we use use the condition of a childe. For when it is dissesed and adred, it runneth hastely to the moder.”

A representação materna da divindade é amplamente estudada por Caroline Walker Bynum no livro *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages* (University of California Press, 1983). Segundo Bynum, outras místicas medievais, especialmente durante os séculos XII e XIII, também se utilizaram de imagens maternas de Jesus Cristo, tais como Gertrude de Helfa, Mechtild de Hackeborn e Mechtild de Magdeburg. A estudiosa afirma, inclusive, que a Idade Média conheceu a devoção a Cristo como nossa Mãe destacando a importância da obra de Juliana de Norwich para tal pensamento:

Esse novo entusiasmo pela “mãe Jesus” dos escritores religiosos medievais tem se concentrado comumente sobre os usos da imagem nos séculos treze e quatorze, especialmente na sofisticada teologia desenvolvida sobre a mesma pela anacoreta Juliana de Norwich (+ depois de 1416), e tem geralmente implicado que tal tradição devocional é particularmente própria às mulheres e portanto deve ter sido desenvolvida por /para ou sobre elas<sup>9</sup> (BYNUM, 1982, pp. 110-111).

O aparecimento desses textos que se utilizaram da imagem maternal de Jesus após a época patrística, data do século XII, nas obras de vários autores: os monges cistercienses Bernardo de Claraval, Aelred de Rievaulx, Adam de Perseigne e Helinand de Froidmont; William de St. Thierry; e o beneditino Anselmo da Cantuária (Santo Anselmo). Assim, a humanidade de Cristo é descrita em imagens que retratam a corporeidade feminina, principalmente a corporeidade da mãe:

Descrições de Deus como uma mulher amamentando a alma em seus seios, secando suas lágrimas, punindo suas pequenas travessuras, dando à luz em agonia e trabalho, são parte de uma tendência crescente de falar sobre o divino em imagens acolhedoras e enfatizar sua proximidade<sup>10</sup> (BYNUM, 1982, p. 129).

Esse Cristo é descrito pela mística de Norwich através de uma imagem feminina e de suas características: “Assim, o corpo feminino, símbolo complexo e multifacetado, carrega o potencial de ‘não apenas refletir e construir a realidade, mas também inverter, questionar, rejeitar e transcendê-la’”<sup>11</sup> (MCAVOY, 2008, p. 170). É precisamente nesse ponto que aparece o interesse dos estudos de gênero no texto de Juliana de Norwich: no que ele traz para um âmbito feminino uma imagem tradicionalmente concebida como masculina.

Voltando ao possível cotidiano de Juliana, sabe-se que ela viveu na pequena cela e dedicava-se à oração, à meditação e aos estudos, e era constantemente visitada por homens e mulheres de todas as idades e classes sociais em busca de aconselhamento espiritual, dentre eles sua conterrânea Margery Kempe, fato que será narrado no capítulo 18 de seu livro:

E então ela foi ordenada por Nosso Senhor para ir até uma anacoreta na mesma cidade que se chamava Dama Juliana. E assim ela fez, e contou a ela sobre a graça que Deus colocou em

9 “This new enthusiasm for the “mother Jesus” of medieval religious writers has usually concentrated on thirteenth – and fourteenth century uses of the image, especially on the sophisticated theology developed around it by the anchoress Julian of Norwich (+ after 1416), and has often implied that such a devotional tradition is particularly congenial to women and therefore must have been developed by or for or about them.”

10 “Descriptions of God as a woman nursing the soul at her breasts, drying its tears, punishing its petty mischief-making, giving birth to it in agony and travail, are part of a growing tendency to speak of the divine in homey images and to emphasize its approachability.”

11 “Thus, the female body, as a complex and multivalent symbol, carries the potential to ‘not only reflect and shape reality but also invert, question, reject, and transcend it’.”



sua alma, a compunção, contrição, doçura e devoção, a compaixão com santa meditação e alta contemplação, e muitos discursos sagrados e conversas que Nosso Senhor falou à sua alma e também muitas revelações maravilhosas, que ela descreveu à anacoreta para descobrir se havia algum engano nelas, pois ela era especialista em tais coisas e poderia dar bons conselhos<sup>12</sup> (KEMPE, 1994, p. 77).

Notemos que Margery Kempe considerava Juliana uma “especialista” em questões espirituais e em dar bons conselhos. Essa passagem do livro de Margery Kempe é um dos poucos registros da vida de Juliana de Norwich fora de sua própria obra. Mas o que podemos constatar é que, como afirmado anteriormente, Juliana era considerada uma referência e uma autoridade espiritual na Inglaterra de seu tempo:

Era de tal modo estimada pelos seus contemporâneos, que se tornou herdeira, juntamente com as mulheres que tratavam dela, de legados testamentários. Nos arquivos da cidade existem alguns testamentos que a designam herdeira, quer reportando o nome de “Julian”, quer como “anacoreta de St. Julian.” O primeiro legado foi feito em 1394 por William Reed; um testamento de 1429 deixa dinheiro a uma “reclusa do cemitério de St. Julian” (FANTUZ, 2019, p. 16).

O apreço de seus contemporâneos era notável. Vale observar na citação acima que Juliana tinha o direito, como anacoreta, de possuir uma serviçal e, caso desejasse, um gato, visto que se tratava da época da peste negra, que era transmitida por ratos. Não é à toa que na iconografia referente à Juliana de Norwich, ela muitas vezes retratava-se acariciando um gato. Há também a referência aí ao cemitério da Igreja de St. Julian. Não custa lembrar que na época muitas igrejas tinham cemitérios ao seu redor. E falando sobre cemitérios, é interessante trazer aqui a questão do próprio ritual de reclusão de uma anacoreta que se assemelhava a uma liturgia fúnebre, incluindo missa de réquiem e demais exéquias. Não podemos esquecer que essas mulheres reclusas se tornavam como que mortas para o mundo externo, e nos Evangelhos defende-se o conceito de que a verdadeira vida surge após a morte.

A obra de Juliana, portanto, e o pouco que conhecemos acerca de sua vida, mas que se nos afigura fascinante, atraem estudiosas e estudiosos. Como bem observa Perk (2016, p. 41), desde a segunda metade do século XX, os estudos acerca da obra de Juliana de Norwich podem ser divididos em dois grupos: aqueles que estudam a obra da anacoreta como sendo mística ou teológica e aqueles que a discutem como sendo literatura medieval, particularmente no âmbito dos escritos de mulheres medievais.

Nesta pesquisa, buscaremos criar pontes entre os dois grupos, tendo a percepção de que se trata de uma autora mística escrevendo em vernáculo sobre suas experiências, o que pode esclarecer bastante acerca do lugar de onde essa mulher se constrói como produtora de sentidos, num texto literário que rompe com paradigmas conferidos aos textos produzidos por mulheres na Idade Média. Daí a importância do estudo da obra de Juliana de Norwich, haja vista o seu pioneirismo na literatura de autoria feminina em língua inglesa.

12 “And then she was commanded by our Lord to go to an anchoress in the same city who was called Dame Julian. And so she did, and told her about the grace, that God had put into her soul, compunction, contrition, sweetness and devotion, compassion with holy meditation and high contemplation, and very many holy speeches and converse that our Lord spoke to her soul, and also many wonderful revelations, which she described to the anchoress to find out if there were any deception in them, for she was expert in such things and could give good advice.”

## 1 Margery Kempe: uma voz arrebatada pelo poder das palavras

A obra *The Book of Margery Kempe* (*O Livro de Margery Kempe*) (séc. XV) é considerada a primeira autobiografia escrita em língua inglesa. O texto relata as vivências de Margery Kempe (1373-c. 1438), autora inglesa nascida em King's Lynn, na região de Norfolk: sua vida doméstica, sua peregrinação a lugares sagrados na Europa e na Terra Santa, bem como seus diálogos místicos com Deus e sua vida devocional. Como observa Anthony Bale na "Introdução", a sua tradução para o inglês contemporâneo do texto de Kempe:

No *Livro* podemos observar o contexto de Kempe como filha do prefeito de Lynn, seus problemas maritais, seus conflitos com castidade, suas várias dificuldades com pessoas importantes e poderosas e nós escutamos sobre suas visões e conversações com Cristo, Deus e a Virgem Maria<sup>13</sup> (BALE, 2015, p. xi).

Seus relatos se apresentam como uma interessante viagem ao cotidiano de uma mulher inglesa medieval, bem como uma jornada ao interior de experiências visionárias, que vão lhe render tanto a simpatia quanto a antipatia e a perseguição de seus contemporâneos.

Nascida em aproximadamente 1373, filha de uma família abastada de classe média, Margery Kempe casou aos vinte anos e relata que teve uma visão de Cristo durante uma crise após o parto de seu primeiro filho. Depois de muitos fracassos como negociante, diz que teve visões e se sentiu chamada para uma vida espiritual. Aos quarenta anos de idade, depois de ter tido quatorze filhos, persuadiu o marido a tomar os votos de castidade e embarcou numa vida agitada de peregrinações pela Inglaterra, Europa, Terra Santa, visitando personalidades religiosas de seu tempo, incluindo a também mística inglesa Juliana de Norwich, em busca de aconselhamento de místicos e reclusos, pois seus choros incomodavam e comoviam seus contemporâneos. Na obra da autora inglesa, podemos detectar a influência de Santa Brígida da Suécia, Marie d'Oignies, Angela de Foligno e Richard Rolle. Margery Kempe também ficou conhecida, como destacado anteriormente, como uma incansável peregrina: Terra Santa, Roma e Bolonha (1414); Santiago de Compostela (1417); Noruega, Danzig e Aachen (1433) e a Abadia de Syon na Inglaterra, foram locais sagrados visitados por ela numa época de alto risco para uma mulher se aventurar pelas estradas. Faleceu aproximadamente em 1438.

*The Book of Margery Kempe* (*O Livro de Margery Kempe*), escrito por volta de 1436, é considerada a mais antiga autobiografia em língua inglesa. Ficou perdida por séculos até 1934, quando foi redescoberta na casa de uma família de nobres católicos ingleses em um manuscrito do século XV. É formado por preâmbulos de escribas e dois livros por ela ditados e revisados e possui uma grande riqueza de detalhes, apesar de ter sido escrito mais de vinte anos depois de suas experiências místicas começarem a acontecer. No *Livro* frases das escrituras e imagens de obras devocionais demonstram uma total rememoração do que liam ou pregavam para ela. Na obra, ela, que se autodenomina *creature*

13 "In the *Book* we glimpse Kempe's background as the daughter of the mayor of Lynn, her marital problems, her struggles with chastity, her various difficulties with important people in power, and we hear, about her visions of and conversations with Christ, God, and the Virgin Mary."



(“criatura”), relata que o Senhor, Maria e o Espírito Santo sugeriram que escrevesse um livro com suas percepções místicas: “E esta criatura teve contrição e grande compunção, com lágrimas abundantes e muitos soluços altos e violentos, por seus pecados e por sua indelicadeza para com seu criador. Ela refletiu sobre sua grosseria desde a infância, como Nosso Senhor colocaria em sua mente muitas vezes”<sup>14</sup> (KEMPE, 1994, p. 48).

Sobre a obra da mística de King’s Lynn, escreve Telles:

Os fragmentos que encontrei formam, com muitas outras páginas, o relato que uma mulher de uns sessenta e cinco anos fez escrever contando seus percursos por estradas empoeiradas da Terra e pelas topografias imaginais de um mundo contemplativo. Uma mulher inteligente e ativa, uma comerciante da emergente burguesia citadina, que viveu como tantas outras mulheres no final da Idade Média, se casou, teve quatorze filhos e, diferindo da maioria, se mostrou uma visionária singular e uma viajante intrépida (TELLES, 2012, p. 121).

A vida dessa mulher à frente de seu tempo, que ousou largar o lar e partir em busca de sua identidade espiritual, encanta e instiga as estudiosas da atualidade por conta de seu pioneirismo e da mescla de gêneros literários medievais:

Uma obra que une as visões opostas de mulheres peregrinas como vistas na literatura secular e religiosa. *The Book of Margery Kempe* é um marco para a problemática das percepções medievais do espaço e o papel das peregrinas nisto. O gênero do *Book* mistura hagiografia – a influência das revelações de Brígida da Suécia é evidente ao longo da obra – autobiografia e visões<sup>15</sup> (MORRISON, 2002, p. 128).

Tanto a obra de Juliana de Norwich quanto a de Margery Kempe passaram a despertar maior interesse por parte dos estudiosos da literatura inglesa, principalmente a partir da década de 1970 em diante. Em 1986, a obra de Kempe, *The Book of Margery Kempe*, seria incluída na prestigiosa *The Norton Anthology of British Literature*, e excertos da *Revelation*, de Juliana de Norwich, seriam incluídos na edição da mesma antologia de 1993, marcando, assim, a entrada das duas autoras no cânone literário medieval inglês.

A obra de Juliana de Norwich, como visto anteriormente, rompe com preceitos estabelecidos acerca da escrita produzida, no que traz, por exemplo, a representação de Jesus Cristo como mãe. O mesmo pode-se inferir acerca do texto de Kempe, que além de trazer esse aspecto de ruptura com padrões e representações estabelecidos em relação ao papel das mulheres, traz a dimensão do cotidiano de ser mulher na Idade Média.

No caso de Margery Kempe, sabemos, através de seu texto, que ela foi acusada de heresia e chegou mesmo a ser presa. Tudo isso por conta de sua forma inusitada de experienciar a divindade: Margery, seus êxtases e visões causava espanto em seus contemporâneos, pois se expressava através de

14 “And this creature had contrition and great compunction, with plentiful tears and much loud and violent sobbing, for her sins and for her unkindness towards her maker. She reflected on her unkindness since her childhood, as our Lord would put it into her mind, very many times.”

15 “One work unites the opposing visions of women pilgrims as seen in secular and religious literature. *The Book of Margery Kempe* is a touchstone for the problematic of medieval perceptions of space and the role women pilgrims play in it. The genre of the *Book* melds hagiography—the influence of Bridget’s revelations is evident throughout the work— autobiography, and visions.”

choros, gritos e contorções. Como observa Régnier-Bohler, “Na palavra, a mulher tenta clamar a sua diferença. Face aos clérigos que a interrogavam, a mística laica Margarida Kempe, no princípio do século XV, ousa inventar outra linguagem, afirmar que a sua palavra lhe vem de outro lado, e que é lícita, melhor ainda, ordenada” (1990, p. 527). Observa-se aqui Kempe em busca de uma linguagem de ruptura, que transcendesse a mera descrição de uma experiência vivida.

As místicas medievais eram mulheres que se utilizavam da linguagem disponível para descrever experiências que transcendiam o uso cotidiano dos vocábulos, inserindo-as num espaço para além do que a elas era convencionado, o espaço da linguagem poética, da que se cria em seu realizar, de uma *poiésis* do sagrado:

As mulheres desejam afirmar, com seu estilo próprio de falar, uma maneira distinta da religião proveniente da teologia clássica e querem dar a sua opinião em discussões teológicas. No entanto, os homens – para garantir a sua própria definição teológica – classificam estereotipadamente a teologia das mulheres como “mística”. A “mística”, tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade (TROCH, 2013, p. 3).

A literatura mística de autoria feminina constitui, portanto, instrumento de inserção da produção escrita dessas mulheres no cânone da literatura inglesa medieval, reinventando-o e reconfigurando-o por meio da presença de suas memórias, corpos e anseios através da palavra escrita. Temos aí textos pessoais que se aproximam das autobiografias, dos diários íntimos, das correspondências e das memórias. Em uma tradição literária que durante muito tempo teve a presença da mulher, “[...] frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos destruídos [...]”, só podemos constatar que há “[...] um déficit, uma falta de vestígios” (PERROT, 2015, p. 21).

No caso de Juliana de Norwich, temos o relato de suas experiências místicas, o que não deixa de ser uma forma de relato memorialístico, pois como ainda afirma a supracitada historiadora francesa, “[...] esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um ‘eu’ [...]” (PERROT, 2015, p. 21), que aparece nessas narrativas de forma assumidamente pessoal e, ao mesmo tempo, transcendental.

Na obra de Margery Kempe, o corpo de Cristo é descrito principalmente em seu aspecto de sofrimento. Em várias passagens, Kempe narra cenas da Paixão de Cristo vista através de seus momentos de visão, como, por exemplo, na seguinte cena passada em sua peregrinação a Jerusalém:

Quando essa criatura e seus companheiros visitaram o sepulcro onde Nosso Senhor foi sepultado, ao adentrar aquele lugar sagrado ela caiu segurando a vela em sua mão, como se fosse morrer de dor. E depois ela se levantou com muito choro e soluços, como se estivesse vendo Nosso Senhor sepultado a sua frente. Então ela pensou que viu nossa Senhora em sua alma, como ela chorou pela morte de seu filho e, então, a dor de nossa Senhora era a dela<sup>16</sup> (KEMPE, 2015, p. 67).

A intensidade das experiências místicas vividas por Margery Kempe era relatada de forma a

16 “When this creature with her companions came to the grave where our Lord was buried, as she entered that holy place she fell down with her candle in her hand, as if she should die of sorrow. And after that she got up again with great weeping and sobbing, as though she had seen our Lord buried right in front of her. Then she thought she saw our Lady in her soul, how she wept for her son’s death, and then our Lady’s sorrow was her sorrow.”

nos transmitir a impressão de que ela realmente estava vivendo toda a dor que Jesus Cristo vivera em seus últimos momentos. Temos aí mais um olhar sobre a Paixão de Cristo, dessa vez um olhar apaixonado, no sentido do *pathos* trágico, que Margery traz ao texto de forma a mergulhar o leitor na experiência mística por ela vivida. Vale lembrar aqui as correntes de devoção popular do século XV e que estarão presentes nas obras tanto de Juliana quanto de Margery Kempe: a Humanidade Sagrada e a Paixão de Cristo.

A obra de Margery Kempe rompe com os padrões de escrita da Idade Média inglesa ao utilizar a linguagem mística como meio de relato: uma linguagem que, mesmo implicitamente, fala de suas memórias e experiências enquanto mulher que vivencia o contato com a divindade. Para seguir seu caminho espiritual, Kempe rompeu com vários estereótipos atribuídos às mulheres de seu tempo, e assim relatou com autonomia suas experiências através do exercício da memória em seu texto autobiográfico. Com isso, contribuiu com uma obra que enriqueceu o variado campo das narrativas religiosas femininas medievais.

## Considerações Finais

Esse artigo, portanto, teve como objetivo principal trazer para a atualidade essas mulheres inglesas pioneiras em termos de produção literária inglesa de autoria feminina. Juliana de Norwich e Margery Kempe permanecem como mulheres à frente de sua época no sentido de que ousaram ultrapassar os limites impostos à presença feminina dentro e fora das instituições religiosas, e cujas vozes ecoam seus protagonismos através dos séculos. Esperamos, assim, que mais leitores possam acessar e fruir suas obras e conhecer mais sobre o que podia uma mulher, mesmo com tantos impedimentos, no medievo inglês.

## Referências

- ALEXANDER, Michael. **A History of English Literature**. 2nd ed. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- BALE, Anthony. Introduction. In: KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Anthony Bale. Oxford: OUP, 2015.
- BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as Mother: Studies on High Spirituality of the Middle Ages**. Los Angeles: UCLA Press, 1984.
- FANTUZ, Giulliana Vittoria (Org.). **Juliana de Norwich: A mística da alegria**. Tradução de António Maria da Rocha. Lisboa: Paulinas, 2019.
- KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Anthony Bale. Oxford: OUP, 2015.
- KEMPE, Margery. **Libro de Margery Kempe: La mujer que se reinventó a sí misma**. Tradução de Salustiano Moreta Velayos. Valencia: PUV, 2012.
- KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Edited by Barry Windeatt. Rochester: D. S. Brewer, 2004.
- KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Barry Windeatt. Londres: Penguin,

1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. 2. ed. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MORRISON, Susan B. **Women Pilgrims in Late Medieval England**. London: Routledge, 2002.

NORWICH, Juliana de. **Revelações do Amor Divino**. Tradução de Marcelo Masson Maroldi. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Clássicos do Cristianismo)

NORWICH, Juliana de. **Revelações do Amor Divino**. Tradução de Maria Eizabeth Hallak Nielsen. Petrópolis: Vozes, 2018. (Série Clássicos da Espiritualidade)

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

TELLES, Norma. **Gritos e sussuros: o Livro de Margery Kempe**. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys20/aventura/norma.htm>. Acesso em: 28 out. 2017.

TEMPLE, Liam Peter. Returning the English “Mystics” to their Medieval Milieu: Julian of Norwich, Margery Kempe and Bridget of Sweden. **Women’s Writing**, 23:2, 2016, p. 141-158.

TROCH, Lieve. Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. *In: Revista Graphos*. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB. Volume 15, n. 1, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>. Acesso em: 5 jun. 2015.

## Sobre a autora

**Fernanda Cardoso Nunes** – Professora Doutora de Literaturas de Língua Inglesa da FAFIDAM – UECE. E-mail: [fernanda.cardoso@uece.br](mailto:fernanda.cardoso@uece.br).

## Como citar

NUNES, F. C. Juliana de Norwich e Margery Kempe: a literatura de autoria feminina no medievo inglês. **CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História, Limoeiro do Norte**, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/11583>. Acesso em: 26 nov. 2023.